RUI MIGUEL MESQUITA[1]

RESGATE E TRIANGULAÇÃO: EDUARDO LOURENÇO LÊ PASCOAES E PESSOA

Retrieval and Triangulation: Eduardo Lourenço reads Pascoaes and Pessoa

Abstract

In his essay "On Literature as an Interpretation of Portugal", Eduardo Lourenço reinterprets the history of Portuguese literature in the last two centuries. This reinterpretation is based on the revaluation of the idea of Portugal as a dominant literary theme. This "national theme" was most thoroughly explored by Fernando Pessoa, giving him not only a unique character in literary modernism, but also a defining role in the history of modern Portuguese literature. However, such exploration would not have been possible without Teixeira de Pascoaes' previous poetic experience, particularly through its elevation of this poetic experience above any kind of historical constraints. This essay aims to address some of the aspects by which Pascoaes' example foreshadows Pessoa's work and Eduardo Lourenço's own interpretation as well, at the same time it constitutes a possibility that is yet to be fulfilled within the scope of Portuguese culture.

[1] Investigador Colaborador do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. ORCID: 0000-0001-5747-458X. Contacto: ruimiguelmesquita@gmail.com. Este artigo foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UIDB/00500/2020 - https://doi.org/10.54499/UIDB/00500/2020).

Keywords: Eduardo Lourenço; Fernando Pessoa; Teixeira de Pascoaes; literary modernity; national consciousness.

Resumo
No seu ensaio "Da Literatura como Interpretação de Portugal", Eduardo Lourenço procede a uma reinterpretação da história da literatura portuguesa nos dois últimos séculos. Essa reinterpretação assenta na valorização da ideia de Portugal enquanto tema literário dominante. Este "tema nacional" foi sumamente explorado por Fernando Pessoa, o que lhe confere não só um carácter único no modernismo literário, mas também um papel definidor na história da literatura moderna portuguesa. No entanto, tal exploração não teria sido possível sem a experiência poética prévia de Teixeira de Pascoaes, particularmente na elevação dessa experiência acima dos condicionalismos históricos. O presente ensaio pretende abordar alguns dos aspectos pelos quais o exemplo de Pascoaes prenuncia a obra de Pessoa e também a própria interpretação de Eduardo Lourenço, ao mesmo tempo que constitui uma possibilidade ainda por cumprir no âmbito da cultura portuguesa.
Palavras-chave: Eduardo Lourenço; Fernando Pessoa; Teixeira de Pascoaes; modernidade literária; consciência nacional.

Em Fevereiro de 1975, Eduardo Lourenço proferiu na Fundação Gulbenkian uma conferência, depois reunida em *O Labirinto da Saudade*, com o título promissor "Da Literatura como Interpretação de Portugal: de Garrett a Fernando Pessoa". O argumento central desta conferência é resumido por Eduardo Lourenço da seguinte forma: «desejamos insinuar que a nossa história literária dos últimos cento e cinquenta anos (e se calhar todas as nossas outras «histórias»...) poderão receber desta ideia simples, a saber, que foi orientada ou subdeterminada consciente ou inconscientemente pela preocupação obsessiva de descobrir *quem somos e o que somos como portugueses*» (Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p.81). É uma tentativa audaciosa de re-periodização da história da literatura portuguesa: por cima dos diferentes movimentos, escolas e gerações, nas palavras de Eduardo Lourenço, «a partir de Garrett e de Herculano, Portugal, enquanto realidade histórico-moral, constituirá o núcleo da pulsão literária dominante» (Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p.78). Este "tema nacional" configura uma linha de continuidade que agrega então a literatura portuguesa maior desde o dealbar do romantismo; e é uma novidade poderosa, uma vez que cria um antes e um depois: as preocupações humanistas e universais que marcavam a grande literatura dos séculos anteriores são superadas pelo dito "tema nacional", que liga de forma indissociável a formação da individualidade poética com a problematização da sua identidade nacional e acentua o contraste da personalidade imaginária com a fragilidade histórica, inaugurado com peso e estrondo por Garrett no seu *Frei Luís de Sousa*.

Fernando Pessoa assume um papel fundamental nesta re-periodização da literatura portuguesa, na medida em que, embora satisfaça os critérios de uma abordagem historiográfica mais tradicional, manifesta sempre algo que foge a essa caixa conceptual. De acordo com a grelha conceptual proposta por Eduardo Lourenço nesta conferência, esse algo irredutível é esse mesmo "tema nacional", visto que motiva uma relação diferenciada com a modernidade literária. Esta clivagem entre a urgência do "tema nacional" e as preocupações universais que orientam a modernidade literária cria para a obra de Pessoa um espaço à parte dentro do modernismo português que não pode ser explicado meramente como efeito de uma acutilância superior. Como também refere Eduardo Lourenço, em comparação com Almada Negreiros, «o único autêntico modernista em sentido estrito sintonizado com *o vanguardismo (ou sucessivos vanguardismos) da época*, o modernismo de Pessoa não foi e nunca será apologia e delírio da quotidianidade presente e suas fulgurações, mera apologia do novo, mas consciência das *indissolúveis contradições do mundo moderno* e da mesma modernidade» (Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p.113). Este modo de estar dentro da modernidade e ao mesmo tempo estar fora reflecte as próprias circunstâncias de Pessoa: simultaneamente dentro da realidade histórica portuguesa e fora dela, ora contestando-a, ora antepondo-lhe um espaço utópico, um futuro do futuro em rigor definível apenas pela qualidade de não poder ser minimamente condicionado pelo circunstante.

Mas, como Eduardo Lourenço também lembra, Pessoa não poderia conceber este "futuro do futuro" se não tivesse sido preparado por uma "visão de fogo" que procurará sempre ultrapassar. Essa visão de fogo é a obra poética de Teixeira de Pascoaes, a quem Eduardo Lourenço dedica uma parte fulcral, mas nem sempre valorizada, da sua conferência. Nas palavras de Lourenço, «não há em toda a nossa literatura um diálogo-combate mais fundo e complexo que o que entrelaça as aventuras poético-espirituais de Pascoaes e de Pessoa» (Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p.98). A especificidade do destino poético de Pessoa não pode ser convenientemente explicada sem referir o "desafio" que a obra de Pascoaes lhe colocou, não esquecendo o modo como esse "desafio" foi também uma manifestação da vontade de "reconquistar a terra natal", de "reparação do laço orgânico" (Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p.104) com o Portugal que a sua educação na África do Sul poderia fazer esquecer definitivamente. Pascoaes representou assim para Pessoa o elo possível, um jeito conveniente de recuperar uma certa convivência literária com a cultura e a história portuguesas, que o exemplo da literatura portuguesa oitocentista, entendida neste sentido como uma literatura diminuída para um país diminuído, poderia fazer perigar. Este perigo duplo, tanto o de uma cultura portuguesa diminuída, como o de uma formação adoptiva de matriz britânica, moldaria então esse "diálogo-combate" de Pascoaes com Pessoa, e a argumentação de Eduardo Lourenço faz lembrar que o significado das "aventuras poético-espirituais" de ambos os poetas extravasa um mero problema da história da literatura portuguesa: em causa está a génese de uma

nova forma de não só pensar o país, como também de renovar o mundo, isto é, de participar num reencantamento da consciência nacional e, ao mesmo tempo, de uma consciência universal.

Outro não é o propósito daquela figura pela qual os dois autores se cruzaram mais proximamente: o ensaio de Pessoa, "A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada", publicado na revista de Pascoaes, *A Águia*, em Abril de 1912, onde é lançada a profecia de um "Super-Camões". Se, como afirma Eduardo Lourenço, «a verdadeira missão que ele [Pessoa] se atribui ao profetizar-se como *Super-Camões* é a de resgatar o subconsciente nacional não tanto de históricos e acidentais complexos de dependência *mas de si mesmo*, transfigurando a gesta particular de um pequeno-grande-povo, em *gesta da consciência universal*» (Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p.105), então a fertilidade do encontro entre Pascoaes e de Pessoa residirá no poder de transformar esse subconsciente nacional, de criar para ele uma nova história, que não estivesse circunscrita pelos reveses históricos e pelos referidos "complexos de dependência" cuja produção ocupou a grande parte da literatura oitocentista maior. Esta missão de transfiguração universalista da consciência nacional passaria então a ser o eixo de avaliação pelo qual Pessoa julga a obra de Pascoaes (e a sua própria obra futura), mas não só, pois é um eixo legado a toda a literatura vindoura, e assim Eduardo Lourenço pode construir todo o seu friso crítico sobre a literatura portuguesa dos dois últimos séculos com base na reapreciação crítica de Pessoa, que funciona como uma chave-mestra que permite desvendar o enigma português.

O "tema nacional" que une as formulações de Pascoaes, Pessoa e Eduardo Lourenço afigura-se assim uma reactualização constante de uma excepção nacional que, para manter esse mesmo carácter excepcional, necessita sempre daquele resgate e transfiguração já descritos por Eduardo Lourenço. Não é um caminho percorrido por uma linha histórica contínua, mas sim um percurso quebrado, em que cada segmento se destaca dos precedentes e concretiza a sua premonição de eviternidade. Dito de outra forma, há, nestes termos, uma condição nacional imutável, carácter este que só a contínua renovação dos seus temas e pressupostos permite preservar. Este é com certeza um aspecto paradoxal dessa condição, na medida em que, para obtermos uma resposta minimamente coerente, parece haver a necessidade de formular perguntas sempre diferentes. Aliás, os ensaios de Pessoa sobre a "nova poesia portuguesa" (não esqueçamos que, nesse mesmo ano de 1912, Pessoa publicou em *A Águia* um outro ensaio, "A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico") não deixam de revelar uma aguda tendência dialética, na medida em que Pessoa assume a plena consciência de que a perspectiva evolucionista adoptada nestes dois ensaios estabelece uma relação nada linear entre progressão cultural e desenvolvimento histórico-político (Zenith, *Pessoa*, op. cit., p.318), um potencial factor de instabilidade que, na verdade, só pode ser controlado pela insistência do referido "tema nacional".

É precisamente a preocupação comum com o "tema nacional" que fomenta o referido "diálogo-combate", de tal modo que a solução poética de Pessoa terá de ser,

nesta perspectiva, entendida aos ombros de Pascoaes, como se a sua rejeição fosse simultaneamente a sua continuação. Essa rejeição já estaria preparada na própria obra de Pascoaes, na medida em que o seu grande contributo relativamente ao "tema nacional" é precisamente o aparente descaso que dedica em relação às glórias passadas que estiveram na base de vários discursos nacionalistas e mais ainda ao contraste entre essas glórias passadas e as circunstâncias lúgubres de um presente pouco convidativo. Eduardo Lourenço salienta incansavelmente a necessidade sentida por Pascoaes de construir uma identidade nacional resistente a qualquer experiência histórica, uma espécie de inocência original que só a poesia poderia actualizar.

Como refere o ensaísta, «Pascoaes subtrairá a mesma *pátria* à *História*, enquanto aventura guerreira e política, passada ou próxima, para a instalar definitivamente no seu ser *ideal* que é simultaneamente a transmutação idealizante e idealista mais genial que o tema *pátria* acaso inspirou» (Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p.98). Esta transfiguração do ser pátrio, "idealizante e idealista", que Pascoaes iniciou está então no cerne do desafio que pôs à consciência poética de Pessoa e, na verdade, a toda a literatura portuguesa subsequente. Por via dessa transfiguração, é possível englobar, ao mesmo tempo, uma perspectiva abrangente sobre as contradições da Modernidade e o referido "tema nacional"; a consciência poética portuguesa consegue uma perspectiva panorâmica da Modernidade precisamente porque foi subtraída à História e aos seus acidentes. Esta consciência *extra mundum* constituiu então a grande inovação de Pascoaes, a que Pessoa não poderia ficar indiferente. «O verbo de Pascoaes rasura ou dissolve a nossa pequenez objectiva, onde enraízam todos os temores pelo nosso futuro e identidade, instalando Portugal, literalmente falando, *fora do mundo* e fazendo desse *estar fora do mundo* a essência mesma da Realidade», remata Eduardo Lourenço (Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p.98).

Na verdade, diríamos mesmo que há uma triangulação entre Eduardo Lourenço, Pascoaes e Pessoa. Eduardo Lourenço permite-se uma interpretação do destino português a partir da sua literatura, sem atender sobremaneira às suas condições políticas, sociais e económicas, porque o grande rasgo de Pascoaes e, na sua esteira, de Pessoa, foi então o de propor uma ideia de Portugal que não estivesse dependente dessas condições; uma ideia propriamente poética, a realizar enquanto desenvolvimento de uma individualidade poética. Neste sentido, a modernidade de Pascoaes passa pela forma como soube ultrapassar o discurso contrastivo que marcou a literatura portuguesa maior do século precedente, desde Garrett a Eça, e a preocupação destes autores sobre como situar um processo de formação individual num momento histórico marcado pela oposição entre as façanhas passadas e uma experiência pessoal marcada pela desilusão, pela decadência e pelo ressentimento. É precisamente esta capacidade de ultrapassar esses discursos e preocupações que importa reter da obra de Pascoaes, até pelas suas implicações políticas que naturalmente, em 1975, não poderiam ser esquecidas: pois o discurso nacionalista do Estado Novo foi em grande parte uma reacção, em todos os sentidos da palavra, à jeremíada de

decadência peninsular que a grande literatura do século anterior tinha desenvolvido. Pelo contrário, a obra de Pascoaes distingue-se pela forma como evita esse tom de decadência, de ressentimento; torna-se assim relevante para outros domínios que extravasam o estritamente literário.

A ausência de "ressentimento cultural" na obra de Pascoaes assume, na teorização de Eduardo Lourenço, um valor exemplar que vai para além da reacção contra o pânico anímico que caracterizou a cultura portuguesa oitocentista ou do ensejo que ofereceu a Pessoa e à Geração do Orfeu para reconstruir a sua própria noção de Portugal. Julgamos que a "boa consciência" que atravessa e unifica a obra de Pascoaes é salientada por Eduardo Lourenço como tendo um valor de exemplo face aos problemas vividos em Portugal e no mundo ocidental em 1975. Por oposição a um presente marcado por clivagens muito acentuadas, sem possibilidades visíveis de conciliação, o mito da Origem proposto por Pascoaes, no qual assenta essa "boa consciência", tem a virtude de sugerir um mundo onde essas clivagens estão plenamente integradas, sem perder nenhumas das suas contradições. Pelo contrário, é precisamente por força dessas contradições que a Origem pascoaliana pode reunir em si toda a potência máxima do universo. Os sucessivos pares de opostos que sustentam a construção poética de Pascoaes, muitas vezes criticados como uma demonstração do facilitismo de alguma da sua obra (atentemos, por exemplo, na entrada que Óscar Lopes lhe dedica na sua *História da Literatura Portuguesa*), são resgatados por Eduardo Lourenço (como também, de uma maneira afim, Cesariny o fez) como um exemplo *in actu* das contradições motrizes que fundamentam a poesia de Pascoaes — a começar pela justaposição de um certo discurso sublime tardo-romântico e de um outro mais prosaico.

O carácter desconcertante da leitura de Pascoaes é assim revalorizado por Eduardo Lourenço. Trata-se de muito mais que um fôlego poético bastante desigual; há uma recusa do imperativo de "absoluta modernidade" que lança um conjunto de desafios a que Eduardo Lourenço procura responder na sua reinterpretação de Portugal por via da literatura. A dita "boa consciência", essa ausência única de ressentimento, mesmo no sentido nietzschiano, não seria possível sem uma concepção muito própria do tema nacional que Eduardo Lourenço persegue nessas páginas. É uma concepção que revela tanto uma vertente histórica como uma outra poética; ou seja, Pascoaes desvaloriza um discurso imperativo da modernidade literária pelo mesmo motivo que desvaloriza um discurso ressentido e acusador sobre os sucessivos infortúnios históricos de Portugal. Há uma instância anterior e original que, em última análise, justifica e corrige esses "deslizes"; como Eduardo Lourenço salienta, a grande singularidade de Pascoaes foi a forma como soube entrelaçar esse mito da Origem com o próprio tema nacional, encontrando um Portugal arquetípico cujos destinos vagos e incertos nunca poderão ser descobertos na sua história ou no seu território, mas nas individualidades poéticas que inspira. Ou seja, enquanto inspirar os poetas, Portugal pode sair, em "boa consciência", da história e dos mapas, dando

um remate final à inquietação dramática mostrada de forma inaugural por Frei Luís de Sousa.

A desterritorialização operada na poesia de Pascoaes pode assim ser interpretada de formas insuspeitáveis. O carácter *extra mundum* da sua natureza não é apenas uma manifestação daquela noite caótica e primordial cuja sombra se estende por todo este universo poético; é também uma exortação vivencial, um apelo a dimensões criadoras e espontâneas do ser humano que as vicissitudes históricas podem toldar (mas nunca aniquilar). O argumento fundamental de Eduardo Lourenço, na sua leitura de Pascoaes, é precisamente este: Pascoaes consegue interromper um ciclo contínuo de acusação e ressentimento porque situa a condição histórica de Portugal, ou a ideia dessa condição, *extra mundum*, desterritorializada mesmo quando plasmada na paisagem muito específica do Marão. A ideia de Portugal resiste, na perspectiva de Pascoaes, à pressão histórica precisamente porque é algo que precede e excede os acontecimentos históricos ocorridos dentro do seu território; é uma ideia intocável. Trata-se de um ideal aproximativo, que pode orientar ou suscitar a acção prática, mas que, de qualquer maneira, não será nunca plenamente cumprido. A haver uma "história verdadeira" de Portugal, seria, nesses termos, a citação daqueles instantes de revelação dessa sua ideia primordial, um esforço a que, de resto, Pascoaes se dedicou, mormente nas suas conferências sobre os "Poetas Lusíadas", nas quais desenvolve à saciedade o preceito de que "quanto mais poético, mais verdadeiro".

No momento em que Eduardo Lourenço proferiu esta sua conferência, no início de 1975, esta concepção da história da literatura portuguesa (ou da história de Portugal, *tout court*) assumiria um lugar naturalmente polémico. Numa altura em que a questão colonial estava ainda à espera de uma resolução definitiva, a ideia pascoaliana de que, em última análise, a sua independência não constituiria uma perda ou amputação da identidade portuguesa, teria o seu quê de inusitado. O lugar destacado que Eduardo Lourenço atribui, na sua psicanálise mítica do destino português, à obra pascoaliana não pode deixar de ser associada à prometida facilidade com que esta obra resolve a dita questão colonial sem prejuízo para a identidade portuguesa. Digamos que é uma latência antropológica, em vez de geográfica: a identidade portuguesa mede-se pelas figuras que a tentam atualizar, não pelos territórios que ocupa. Do mesmo modo, as clivagens culturais e políticas são, nesta perspectiva, subsumidas pela primazia ontológica dessa noite estranhamente fulgurante da nação, de modo que os conflitos históricos pudessem ser entendidos como ultimamente integráveis no duro processo, porque trágico, de actualização de uma ideia que, na verdade, só é atualizável interiormente, como expansão da dimensão criadora do ser humano. Todos os acidentes históricos, na sua conflitualidade, são detalhes do processo trágico de descoberta de um destino individual porque poético, poético porque individual.

Neste sentido, não há uma oposição entre o ser português e o ser universal. Nos termos da facilidade com que Pascoaes entrelaça o tema nacional, a sua "arte de ser português", com as preocupações da grande literatura universal ou, pelo menos,

ocidental, tudo é por fim origem; e é por via desta familiaridade original que se abre o espaço singular de Pascoaes na história da literatura portuguesa e ocidental, pois é um espaço que rompe com uma série de preocupações e figuras de estilo que haviam marcado a evolução da poesia portuguesa no século XIX. O tema nacional é completamente reformulado; a atenção crescente à expansão urbana e aos novos registos discursivos daí decorrentes, mesmo num poeta genericamente afim como António Nobre, é bastante mitigada; é reatada uma preocupação filosófica, característica do Romantismo europeu, mas em geral ausente do Romantismo português, se bem que desenvolvida posteriormente nos sonetos anterianos (embora com uma dilaceração e uma dualidade que contrasta com a originalidade fundamental da poesia de Pascoaes). Em suma, «foi esta síntese poderosa de visionário romântico de inspiração neoplatónica e gnóstica — o único puro que possuímos — que a consciência poética e crítica de Pessoa submetem à prova" (Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p. 103). A singularidade da obra de Pascoaes não seria tão evidente se não houvesse aquela resposta de Pessoa, capaz de a retirar ainda mais das contingências históricas e de lhe garantir uma relevância universalista, pois, como também lembra Lourenço, «era de uma visão incandescente e afim que ele mesmo [Pessoa] partia — leitor consciencioso da linhagem romântica inglesa e do platonismo que a banha ou transfigura — quando entra em contacto com a poesia de Pascoaes, lugar sumo da transubstanciação da experiência lusíada despida dos seus aspectos anedóticos» (Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p.103). Seríamos tentados a dizer que a coerência final da obra de Pascoaes muito deve à repercussão que obteve junto do jovem Pessoa, porventura mais do que às suas características próprias; como se essa repercussão destilasse a mais pura essência da poesia pascoaliana, é a sua recepção por parte de Pessoa que, na interpretação de Eduardo Lourenço, remata a construção de um espaço próprio e singular da obra de Pascoaes no âmbito da literatura portuguesa moderna.

Por outro lado, esta é também uma possível resposta quanto às dúvidas sobre as linhas de continuidade na sua profusa obra; a perspectiva hoje mais aceite é a de que, como refere António Cândido Franco, há dois Pascoaes, divididos pelo seu contacto com a física quântica e a teoria da relatividade (Franco, *A Literatura de Teixeira de Pascoaes*, op. cit., p.140 e passim). Esse contacto é descrito na obra charneira que é *O Homem Universal*, sendo que o primeiro Pascoaes é o poeta do Saudosismo, devedor de uma tradição tardo-romântica com o seu quê de serôdio, ao qual se segue um segundo Pascoaes, informado pelos novos avanços científicos e demonstrando um fascínio continuado pelas figuras representativas em devir que plasma nas suas grandes biografias; o segundo Pascoaes inaugura, na interpretação de António Cândido Franco, uma outra modernidade - "quântica" - na poesia portuguesa, por oposição à modernidade "tecnológica" da geração de Orfeu. A interpretação de Eduardo Lourenço propõe antes um Pascoaes uno e indissolúvel, se bem que essa unidade englobe multiplicidades e contradições às quais não é retirado nada da sua plena força

original; uma unidade da qual Lourenço retira importantes consequências políticas. A revalorização operada por Eduardo Lourenço da obra de Pascoaes é melhor descrita na sua afirmação de que «a *modernidade* de Pascoaes é de outra espécie, intrínseca e não aleatória. *Em poesia alguma portuguesa se encontra encarnada e operante a intuição moderna por excelência que faz do homem (ser imaginante e imaginário) a substância mesma da Realidade*» (Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p.99). Vale a pena reter destas palavras a ideia de que a Realidade está consubstanciada numa entidade individual que excede o meramente factual (porque "imaginante e imaginária"). A afirmação de que o ser humano, na sua dimensão individual e suprafactual, é a medida da Realidade não deixa de ocupar um espaço singular no discurso ideológico e político dos anos da Revolução de Abril, mormente na sua fase mais clivada; afigura-se-nos como uma possível saída ao mítico "povo" que hegemonizava o discurso político, de inspiração marxista ou não. Embora Lourenço reconheça que esse "povo" está muito presente na obra de Pascoaes, essa presença afirma-se pela manifestação de «um Povo-Saudoso, quer dizer, de povo que apercebe em tudo quanto toca a sombra da ilusão e da morte, mas a uma e outra exige a promessa da vida» (Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p. 100s). Essa promessa de vida não deixaria de constituir um desafio tanto aos contemporâneos de Pascoaes, a começar por Pessoa que sentiu esse desafio como nenhum outro, como aos contemporâneos de Eduardo Lourenço, num período de extrema aceleração histórica; em causa estaria esta exortação a extrair de um real diminuído ou mesmo do nada, "da ilusão e da morte", uma realidade plena e universal, ou seja, por outras palavras, a extrair vida das pedras mitificadas do Marão.

Quando, no prefácio à última edição de *Marânus*, Eduardo Lourenço refere a "ausência sensível" da visão de Pascoaes, por contraste com um "nada proliferante" que a obra pessoana representa lidimamente (Pascoaes, *Marânus*, op. cit., p. VIII), o poeta amarantino é mais uma vez citado como um contrapeso face à pressão hegemónica exercida pela obra pessoana sobre a cultura portuguesa do século passado. É uma forma de, reconhecendo a centralidade de Pessoa na história da literatura moderna, insinuar a presença de outras modernidades, que trazem uma promessa diferente do poeta da *Mensagem*. Na verdade, em vez dessa proliferação que torna os poetas posteriores em quase-heterónimos, havendo uma quase impossibilidade de fugir a uma apropriação pessoana, Pascoaes é citado de forma a tornar "sensível" uma ausência a preencher, tanto quanto é possível preencher dentro de cada individualidade poética aquilo que, na visão pascoaliana, será sempre inatingível e, por isso mesmo, sumamente impulsionador. Este impulso transfigurador contrasta com o bloqueio porventura induzido pela fragmentação pessoana ou pela dispersão em Mário de Sá Carneiro. Se o mesmo Sá Carneiro criticou Pascoaes pela sua "pouca arte", o que Eduardo Lourenço e inúmeros leitores não deixam de confirmar (Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p.99), essa "pouca arte" não tem de ser vista impreterivelmente como uma modernidade falhada, mas sim como uma outra natureza de modernidade, que nos insinua algumas possibilidades escondidas.

Por outras palavras, a obra de Pascoaes insinua uma série de possibilidades a cumprir na história da literatura moderna, como ponto de fuga do sentido único que, dada a sua dinâmica revolucionária, a Geração de Orfeu lhe imprimiu. O influente ensaio sobre a Geração da Presença, como possível contrarrevolução do modernismo português, pode por isso, uma vez considerada essa "ausência sensível" da obra de Pascoaes, ser lido a outra luz. Aquilo que pareceria imperativo afinal não o é; a noite transfigurada de Pascoaes sugere a possibilidade de outras auroras. A própria separação entre um Pascoaes inicial, saudosista, e um Pascoaes final, de que as grandes biografias são a obra mais representativa, tal como ela tem sido proposta pela crítica mais recente, é subtilmente infirmada por esta interpretação: é impossível separar os dois Pascoaes, visto que a sua obra foi, logo desde a sua concepção, múltipla e contraditória. Ocupa por isso mesmo um espaço singular dentro da literatura moderna portuguesa, pois a sua natureza sincrética, assimilativa, contrapõe-se ao discurso *anti*, excludente e assertivo de uma boa parte da modernidade literária portuguesa. Podemos vislumbrar algum lamento de Eduardo Lourenço quando lastima que a experiência poética de Pascoaes tenha sofrido tantas simplificações abusivas ou míticas (Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p.99); mas valerá sempre como afirmação de que são sempre outros os caminhos.

Referências bibliográficas

Franco, A. C., *A Literatura de Teixeira de Pascoaes: Romance de uma Obra*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 2000.

Lourenço, E., *O Labirinto da Saudade: Psicanálise Mítica do Destino Português*, Círculo de Leitores, Lisboa 1988 [1978].

Pascoaes, T., *Marânus*, pref. Eduardo Lourenço, Assírio e Alvim, Lisboa 1990 [1911].

Zenith, R., *Pessoa: an Experimental Life*, Penguin, London 2022.